

Cruz e Souza

# Broquês



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Cruz e Souza

## Broquéis

**Formatação por:**  
Reliquia

**Texto-base digitalizado por:**  
NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística  
Universidade Federal de Santa Catarina



*Seigneur mon Dieu! accordez-moi  
la grâce de produire quelques  
beaux vers qui me prouvent  
à moi-même que je ne suis pas le  
dernier des hommes, que je  
ne suis pas inférieur à ceux que  
je méprise.*

Baudelaire

## Sumário

[ANTÍFONA](#)

[SIDERAÇÕES](#)

[LÉSBIA](#)

[MÚMIA](#)

[EM SONHOS...](#)

[LUBRICIDADE](#)

[MONJA](#)

[CRISTO DE BRONZE](#)

[CLAMANDO...](#)

[BRAÇOS](#)

[REGINA COELI](#)

[SONHO BRANCO](#)

[CANÇÃO DA FORMOSURA](#)

[TORRE DE OURO](#)

[CARNAL E MÍSTICO](#)

[A DOR](#)

[ENCARNAÇÃO](#)

[SONHADOR](#)

[NOIVA DA AGONIA](#)

[LUA](#)

[SATÃ](#)

[BELEZA MORTA](#)

[AFRA](#)

[PRIMEIRA COMUNHÃO](#)

[JUDIA](#)

VELHAS TRISTEZAS  
VISÃO DA MORTE  
DEUSA SERENA  
TULIPA REAL  
APARIÇÃO  
VESPERAL  
DANÇA DO VENTRE  
FOEDERIS ARCA  
TUBERCULOSA  
FLOR DO MAR  
DILACERAÇÕES  
REGENERADA  
SENTIMENTOS CARNAIS  
CRISTAIS  
SINFONIAS DO OCASO  
REBELADO  
MUSICA MISTERIOSA...  
SERPENTE DE CABELOS  
POST MORTEM  
ALDA  
ACROBATA DA DOR  
ANGELUS...  
LEMBRANÇAS APAGADAS  
SUPREMO DESEJO  
SONATA  
MAJESTADE CAÍDA  
INCENSOS  
LUZ DOLOROSA...  
TORTURA ETERNA



## ANTÍFONA

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras  
De luares, de neves, de neblinas!...  
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...  
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras,  
De Virgens e de Santas vaporosas...  
Brilhos errantes, mádidas frescuras  
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,  
Harmonias da Cor e do Perfume...  
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,  
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,  
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...  
Dormências de volúpicos venenos  
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,  
Inefáveis, edênicos, aéreos,  
Fecundai o Mistério destes versos  
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades  
Que fuljam, que na Estrofe se levantem



E as emoções, sodas as castidades  
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros  
Fecunde e inflame a rime clara e ardente...  
Que brilhe a correção dos alabastros  
Sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça  
De carnes de mulher, delicadezas...  
Todo esse eflúvio que por ondas passe  
Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões alacres,  
Desejos, vibrações, ânsias, alentos,  
Fulvas vitórias, triunfamentos acres,  
Os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas  
De amores vãos, tantálicos, doentios...  
Fundas vermelhidões de velhas chagas  
Em sangue, abertas, escorrendo em rios.....

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,  
Nos turbilhões quiméricos do Sonho,  
Passe, cantando, ante o perfil medonho  
E o tropel cabalístico da Morte...

## SIDERAÇÕES

Para as Estrelas de cristais gelados  
As ânsias e os desejos vão subindo,  
Galgando azuis e siderais noivados  
De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Num cortejo de cânticos alados  
Os arcanjos, as cítaras ferindo,  
Passam, das vestes nos troféus prateados,  
As asas de ouro finamente abrindo...

Dos etéreos turíbulos de neve  
Claro incenso aromal, límpido e leve,  
Ondas nevoentas de Visões levanta...

E as ânsias e os desejos infinitos  
Vão com os arcanjos formulando ritos  
Da Eternidade que nos Astros canta...

# LÉSBIA

Cróton selvagem, tinhorão lascivo,  
Planta mortal, carnívora, sangrenta,  
Da tua carne báquica rebenta  
A vermelha explosão de um sangue vivo.

Nesse lábio mordente e convulsivo,  
Ri, ri risadas de expressão violenta  
O Amor, trágico e triste, e passe, lenta,  
A morte, o espasmo gélido, aflitivo...

Lésbia nervosa, fascinante e doente,  
Cruel e demoníaca serpente  
Das flamejantes atracões do gozo.

Dos teus seios acídulos, amargos,  
Fluem capros aromas e os letargos,  
Os ópios de um luar tuberculoso...

# MÚMIA

Múmia de sangue e lama e terra e treva,  
Podridão feita deusa de granito,  
Que surges dos mistérios do Infinito  
Amamentada na lascívia de Eva.

Tua boca voraz se farta e ceva  
Na carne e espalhas o terror maldito,  
O grito humano, o doloroso grito  
Que um vento estranho para és limbos leva.

Báratros, criptas, dédalos atrozes  
Escancaram-se aos tétricos, ferozes  
Uivos tremendos com luxúria e cio...

Ris a punhais de frígidos sarcasmos  
E deve dar congélidos espasmos  
O teu beijo de pedra horrendo e frio!...

## **EM SONHOS...**

Nos Santos óleos do luar, floria  
Teu corpo ideal, com o resplendor da Helade...  
E em toda a etérea, branda claridade  
Como que erravam fluidos de harmonia...

As Águias imortais da Fantasia  
Deram-te as asas e a serenidade  
Para galgar, subir a Imensidade  
Onde o clarão de tantos sóis radia.

Do espaço pelos límpidos velinos  
Os Astros vieram claros, cristalinos,  
Com chamas, vibrações, do alto, cantando...

Nos santos óleos do luar envolto  
Teu corpo era o Astro nas esferas solto,  
Mais Sóis e mais Estrelas fecundando!

## LUBRICIDADE

Quisera ser a serpe venenosa  
Que dá-te medo e dá-te pesadelos  
Para envolverem, ó Flor maravilhosa,  
Nos flavos turbilhões dos teus cabelos.

Quisera ser a serpe veludosa  
Para, enroscada em múltiplos novelos,  
Saltar-te aos seios de fluidez cheirosa  
E babujá-los e depois mordê-los...

Talvez que o sangue impuro e flamejante  
Do teu lânguido corpo de bacante,  
Da langue ondulação de águas do Reno

Estranhamente se purificasse...  
Pois que um veneno de áspide vorace  
Deve ser morto com igual veneno...

## MONJA

Ó Lua, Lua triste, amargurada,  
Fantasma de brancuras vaporosas,  
A tua nívea luz ciliciada  
Faz murcheçar e congelar as rosas.

Nas flóridas searas ondulosas,  
Cuja folhagem brilha fosforeada,  
Passam sombras angélicas, nivasas,  
Lua, Monja da cela constelada.

Filtros dormentes dão aos lagos quietos,  
Ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos,  
Que vão pelo ar, noctâmbulos, pairando...

Então, ó Monja branca dos espaços,  
Parece que abres para mim os braços,  
Fria, de joelhos, trêmula, rezando...

## CRISTO DE BRONZE

Ó Cristos de ouro, de marfim, de prata,  
Cristos ideais, serenos, luminosos,  
Ensangüentados Cristos dolorosos  
Cuja cabeça a Dor e a Luz retrata.

Ó Cristos de altivez intemerata,  
Ó Cristos de metais estrepitosos  
Que gritam como os tigres venenosos  
Do desejo carnal que enerva e mata.

Cristos de pedra, de madeira e barro...  
Ó Cristo humano, estético, bizarro,  
Amortalhado nas fatais injurias...

Na rija cruz aspérrima pregado  
Canta o Cristo de bronze do Pecado,  
Ri o Cristo de bronze das luxúrias!...



## CLAMANDO...

Bárbaros vãos, dementes e terríveis  
Bonzos tremendos de ferrenho aspeto,  
Ah! deste ser todo o clarão secreto  
Jamais pôde inflamar-vos, Impassíveis!

Tantas guerras bizarras e incoercíveis  
No tempo e tanto, tanto imenso afeto,  
São para vós menos que um verme e inseto  
Na corrente vital pouco sensíveis.

No entanto nessas guerras mais bizarras  
De sol, clarins e rútilas fanfarras,  
Nessas radiantes e profundas guerras...

As minhas carnes se dilaceraram  
E vão, das ilusões que flamejaram,  
Com o próprio sangue fecundando as terras...

## **BRAÇOS**

Braços nervosos, brancas opulências,  
Brumais brancuras, fulgidas brancuras,  
Alvuras castas, virginais alvuras,  
Lactescências das raras lactescências.

As fascinantes, mórbidas dormências  
Dos teus abraços de letais flexuras,  
Produzem sensações de agres torturas,  
Dos desejos as mornas florescências.

Braços nervosos, tentadoras serpes  
Que prendem, tetanizam como os herpes,  
Dos delírios na trêmula coorte...

Pompa de carnes tépidas e flóreas,  
Braços de estranhas correções marmóreas,  
Abertos para o Amor e para a Morte!

## REGINA COELI

Ó Virgem branca, Estrela dos altares,  
Ó Rosa pulcra dos Rosais polares!

Branca, do alvor das ambuladas sagradas  
E das néveas camélias regeladas.

Das brancuras de seda sem desmaios  
E da lua de linho em nimbo e raios.

Regina Coeli das sidéreas flores,  
Hóstia da Extrema-Unção de tantas dores.

Ave de prata e azul, Ave dos astros...  
Santelmo aceso, a cintilar nos mastros...

Gôndola etérea de onde o Sonho emerge...  
Água Lustral que o meu Pecado asperge.

Bandolim do luar, Campo de giesta,  
Igreja matinal gorjeando em festa.

Aroma, Cor e Som das Ladainhas  
De Maio e Vinha verde dentre as vinhas,

Dá-me através de cânticos, de rezas,  
O Bem, que almas acerbadas torna ilesas.

O Vinho dourado, ideal, que purifica  
das seivas juvenis a força rica.

Ah! faz surgir, que brote e que floresça  
A Vinha dourado e o vinho resplandeça.

Pela Graça imortal dos teus Reinados  
Que a Vinha os frutos desabroche iriados.

Que frutos, flores essa Vinha brote  
Do céu sob o estrelado chamalote.

Que a luxúria poreje de áureos cachos  
E eu um vinho de sol beba aos riachos.

Virgem, Regina, Eucaristia, Coeli,  
Vinho é o clarão que teu Amor impele.

Que desabrocha ensangüentadas rosas  
Dentro das naturezas luminosas.

Ó Regina do Mar! Coeli! Regina!  
Ó Lâmpada das naves do Infinito!  
Todo o Mistério azul desta Surdina  
Vem d'estranhos Missais de um novo Rito!...

## SONHO BRANCO

De linho e rosas brancas vais vestido,  
Sonho virgem que cantas no meu peito!...  
És do Luar o claro deus eleito,  
Das estrelas puríssimas nascido.

Por caminho aromal, enflorescido,  
Alvo, sereno, límpido, direito,  
Segues radiante, no esplendor perfeito,  
No perfeito esplendor indefinido...

As aves sonorizam-te o caminho...  
E as vestes frescas, do mais puro linho  
E as rosas brancas dão-te um ar nevado...

No entanto, Ó Sonho branco de quermesse!  
Nessa alegria em que tu vais, parece  
Que vais infantilmente amortalhado!

## CANÇÃO DA FORMOSURA

Vinho de sol ideal canta e cintila  
Nos teus olhos, cintila e aos lábios desce,  
Desce a boca cheirosa e a empurpurece,  
Cintila e canta após dentre a pupila.

Sobe, cantando, a limpidez tranqüila  
Da tu'alma estrelada e resplandece,  
Canta de novo e na doirada messe  
Do teu amor, se perpetua e trila...

Canta e te alaga e se derrama e alaga...  
Num rio de ouro, iriante, se propaga  
Na tua carne alabastrina e pura.

Cintila e canta na canção das cores,  
Na harmonia dos astros sonhadores,  
A Canção imortal da Formosura!

## TORRE DE OURO

Desta torre desfraldam-se altaneiras,  
Por sóis de céus imensos broqueladas,  
Bandeiras reais, do azul das madrugada  
E do íris flamejante das poncheiras.

As torres de outras regiões primeiras  
No Amor, nas Glórias vãs arrebatadas  
Não elevam mais alto, desfraldadas,  
Bravas, triunfantes, imortais bandeiras.

São pavilhões das hostes fugitivas,  
Das guerras acres, sanguinárias, vivas,  
Da luta que os Espíritos ufana.

Estandartes heróicos, palpitantes,  
Vendo em marcha passe aniquilantes  
As torvas catapultas do Nirvana!

## CARNAL E MÍSTICO

Pelas regiões tenuíssimas da bruma  
Vagam as Virgens e as Estrelas raras...  
Como que o leve aroma das searas  
Todo o horizonte em derredor perfume.

N'uma evaporação de branca espuma  
Vão diluindo as perspectivas claras...  
Com brilhos crus e fúlgidos de tiaras  
As Estrelas apagam-se uma a uma.

E então, na treva, em místicas dormências  
Desfila, com sidéreas lactescências,  
Das Virgens o sonâmbulo cortejo...

Ó Formas vagas, nebulosidades!  
Essência das eternas virgindades!  
Ó intensas quimeras do Desejo...



## **A DOR**

Torva Babel das lágrimas, dos gritos,  
Dos soluços, dos ais, dos longos brados,  
A Dor galgou os mundos ignorados,  
Os mais remotos, vagos infinitos.

Lembrando as religiões, lembrando os ritos,  
Avassalara os povos condenados,  
Pela treva, no horror, desesperados,  
Na convulsão de Tântalos aflitos.

Por buzinas e trompas assoprando  
As gerações vão todas proclamando  
A grande Dor aos frígidos espaços...

E assim parecem, pelos tempos mudos,  
Raças de Prometeus titânios, rudos,  
Brutos e colossais, torcendo os braços!

# ENCARNAÇÃO

Carnais, sejam carnis tantos desejos,  
Carnais, sejam carnis tantos anseios,  
Palpitações e frêmitos e enleios,  
Das harpas da emoção tantos arpejos...

Sonhos, que vão, por trêmulos adejos,  
A noite, ao luar, intumescer os seios  
Lácteos, de finos e azulados veios  
De virgindade, de pudor, de pejos...

Sejam carnis todos os sonhos brumos  
De estranhos, vagos, estrelados rumos  
Onde as Visões do amor dormem geladas...

Sonhos, palpitações, desejos e ânsias  
Formem, com claridades e fragrâncias,  
A encarnação das lívidas Amadas!

## SONHADOR

Por sóis, por belos sóis alvissareiros,  
Nos troféus do teu Sonho irás cantando  
As púrpuras romanas arrastando,  
Enginaldado de imortais loureiros.

Nobre guerreiro audaz entre os guerreiros,  
Das Idéias as lanças sopesando,  
Verás, a pouco e pouco, desfilando  
Todos os teus desejos condoreiros...

Imaculado, sobre o lodo imundo,  
Há de subir, com as vivas castidades,  
Das tuas glórias o clarão profundo.

Há de subir, além de eternidades,  
Diante do torvo crocitar do mundo,  
Para o branco Sacrário das Saudades!

## NOIVA DA AGONIA

Trêmula e só, de um túmulo surgindo,  
Aparição dos ermos desolados,  
Trazes na face os frios tons magoados,  
De quem anda por túmulos dormindo...

A alta cabeça no esplendor, cingindo  
Cabelos de reflexos irisados,  
Por entre aureolas de clarões prateados,  
Lembras o aspecto de um luar diluindo...

Não és, no entanto, a torva Morte horrenda,  
Atra, sinistra, gélida, tremenda,  
Que as avalanches da Ilusão governa...

Mas ah! és da Agonia a Noiva triste  
Que os longos braços lívidos abriste  
Para abraçar-me para a Vida eterna!

# LUA

Clâmides frescas, de brancuras frias,  
Finíssimas dalmáticas de neve  
Vestem as longas arvores sombrias,  
Surgindo a Lua nebulosa e leve...

Névoas e névoas frígidas ondulam..  
Alagam lácteos e fulgentes rios  
Que na enluarada refração tremulam  
Dentre fosforescências, calafrios...

E ondulam névoas, cetinosas rendas  
De virginais, de prônubas alvuras..  
Vagam baladas e visões e lendas  
No flórido noivado das Alturas...

E fria, fluente, frouxa claridade  
Flutua como as brumas de um letargo..  
E erra no espaço, em toda a imensidade,  
Um sonho doente, cilicioso, amargo...

Da vastidão dos páramos serenos,  
Das siderais abóbadas cerúleas  
Cai a luz em antífonas, em trenos,  
Em misticismos, orações e dúlias...

E entre os marfins e as pratas diluídas  
Dos lânguidos clarões tristes e enfermos,

Com grinaldas de roxas margaridas  
Vagam as Virgens de cismares ermos...

Cabelos torrenciais e dolorosos  
Bóiam nas ondas dos etéreos gelos.  
E os corpos passam níveos, luminosos,  
Nas ondas do luar e dos cabelos...

Vagam sombras gentis de mortas, vagam  
Em grandes procissões, em grandes alas,  
Dentre as auréolas, os clarões que alagam,  
Opulências de pérolas e opalas

E a Lua vai clorótica fulgindo  
Nos seus alperces etereais e brancos,  
A luz gelada e pálida diluindo  
Das serranias pelos largos flancos...

Ó Lua das magnólias e dos lírios!  
Geleira sideral entre as geleiras!  
Tens a tristeza mórbida dos círios  
E a lividez da chama das poncheiras!

Quando ressorges, quando brilhas e amas,  
Quando de luzes a amplidão constelas,  
Com os fulgores glaciais que tu derramas  
Das febre e frio, dás nevrose, gelas...

A tua dor cristalizou-se outrora  
Na dor profunda mais dilacerada  
E das cores estranhas, ó Astro, agora,

És a suprema Dor cristalizada!...

## SATÃ

Capro e revel, com os fabulosos cornos  
Na frente real de rei dos reis vetustos,  
Com bizarros e lúbricos contornos,  
Ei-lo Satã dentre os Satãs augustos.

Por verdes e por báquicos adornos  
Vai c'roado de pâmpanos venustos  
O deus pagão dos Vinhos acres, mornos,  
Deus triunfador dos triunfadores justos.

Arcangélico e audaz, nos sóis radiantes,  
A púrpura das glórias flamejantes,  
Alarga as asas de relevos bravos...

O Sonho agita-lhe a imortal cabeça...  
E solta aos sóis e estranha e ondeada e espessa  
Canta-lhe a juba dos cabelos flavos!



## BELEZA MORTA

De leve, louro e enlanguescido helianto  
Tens a flórea dolência contristada...  
Há no teu riso amargo um certo encanto  
De antiga formosura destronada.

No corpo, de um letárgico quebranto,  
Corpo de essência fina, delicada,  
Sente-se ainda o harmonioso canto  
Da carne virginal, clara e rosada.

Sente-se o canto errante, as harmonias  
Quase apagadas, vagas, fugidias  
E uns restos de clarão de Estrela acesa...

Como que ainda os derradeiros haustos  
De opulências, de pompas e de faustos,  
As relíquias saudosas da beleza.

## AFRA

Ressurges dos mistérios da luxúria,  
Afra, tentada pelos verdes pomos,  
Entre os silfos magnéticos e os gnomos  
Maravilhosos da paixão purpúrea.

Carne explosiva em pólvoras e fúria  
De desejos pagãos, por entre assomos  
Da virgindade--casquinantes momos  
Rindo da carne já votada a incúria.

Votada cedo ao lânguido abandono,  
Aos mórbidos delíquios como ao sono,  
Do gozo haurindo os venenosos sucos.

Sonho-te a deusa das lascivas pompas,  
A proclamar, impávida, por trompas,  
Amores mais estéreis que os eunucos!

## PRIMEIRA COMUNHÃO

Grinaldas e véus brancos, véus de neve,  
Véus e grinaldas purificadores,  
Vão as Flores caruais, as alvas Flores  
Do Sentimento delicado e leve.

Um luar de pudor, sereno e breve,  
De ignotos e de prônubos pudores,  
Erra nos pulcros virginais brancores  
Por onde o Amor parábolas descreve...

Luzes claras e augustas, luzes claras  
Douram dos templos as sagradas aras,  
Na comunhão das néveas hóstias frias...

Quando seios pubentes estremecem,  
Silfos de sonhos de volúpia crescem,  
Ondulantes, em formas alvadias...

## JUDIA

Ah! Judia! Judia impenitente!  
De erma e de turva região sombria  
De areia fulva, bárbara, inclemente,  
Numa desolação, chegaste um dia...

Través o céu mais tórrido, mais quente,  
Onde a luz mais flamívoma radia,  
A voz dos teus, nostálgica, plangente,  
Vibrou, chorou, clamou por ti, Judia!

Ave de melancólicos mistérios,  
Ruflaste as asas por Azuis sidérios,  
Ébria dos vícios célebres que salvam...

Para alguns corações que ainda te buscam  
És como os sóis que rútilos coruscam  
E a torva terra do deserto escalvam!

## VELHAS TRISTEZAS

Diluências de luz, velhas tristezas  
Das almas que morreram para a lute!  
Sois as sombras amadas de belezas  
Hoje mais frias do que a pedra bruta.

Murmúrios incógnitos de gruta  
Onde o Mar canta os salmos e as rudezas  
De obscuras religiões -- voz impoluta  
De sodas as titânicas grandezas.

Passai, lembrando as sensações antigas,  
Paixões que foram já dóceis amigas,  
Na luz de eternos sóis glorificadas.

Alegrias de há tempos! E hoje e agora,  
Velhas tristezas que se vão embora  
No poente da Saudade amortalhadas!...

## VISÃO DA MORTE

Olhos voltados para mim e abertos  
Os braços brancos, os nervosos braços,  
Vens d'espacos estranhos, dos espacos  
Infinitos, intérminos, desertos...

Do teu perfil os tímidos, incertos  
Traços indefinidos, vagos traços  
Deixam, da luz nos ouros e nos aços,  
Outra luz de que os céus ficam cobertos.

Deixam nos céus uma outra luz mortuária,  
Uma outra luz de lívidos martírios,  
De agonies, de mágoa funerária...

E causas febre e horror, frio, delírios,  
Ó Noiva do Sepulcro, solitária,  
Branca e sinistra no clarão dos círios!

## DEUSA SERENA

Espiritualizante Formosura  
Gerada nas Estrelas impassíveis,  
Deusa de formas bíblicas, flexíveis,  
Dos eflúvios da graça e da ternura.

Açucena dos vales da Escritura,  
Da alvura das magnólias marcessíveis,  
Branca Via-Láctea das indefiníveis  
Brancuras, fonte da imortal brancura.

Não veio, é certo, dos paus da terra  
Tanta beleza que o teu corpo encerra,  
Tanta luz de luar e paz saudosa...

Vem das constelações, do Azul do Oriente,  
Para triunfar maravilhosamente  
Da beleza mortal e dolorosa!

## TULIPA REAL

Carne opulenta, majestosa, fina,  
Do sol gerada nos febris carinhos,  
Há músicas, há cânticos, há vinhos  
Na tua estranha boca sulferina.

A forma delicada e alabastrina  
Do teu corpo de límpidos arminhos  
Tem a frescura virginal dos linhos  
E da neve polar e cristalina.

Deslumbramento de luxúria e gozo,  
Vem dessa carne o travo aciduloso  
De um fruto aberto aos tropicais mormaços.

Teu coração lembra a orgia dos triclinios...  
E os reis dormem bizarros e sangüíneos  
Na seda branca e pulcra dos teus braços.



## APARIÇÃO

Por uma estrada de astros e perfumes  
A Santa Virgem veio ter comigo:  
Doiravam-lhe o cabelo claros lumes  
Do sacrossanto resplendor amigo.

Dos olhos divinais no doce abrigo  
Não tinha laivos de Paixões e ciúmes:  
Domadora do Mal e do perigo  
Da montanha da Fe galgara os cumes.

Vestida na alva excelsa dos Profetas  
Falou na ideal resignação de Ascetas,  
Que a febre dos desejos aquebranta.

No entanto os olhos dela vacilavam,  
Pelo mistério, pela dor flutuavam,  
Vagos e tristes, apesar de Santa!

## VESPERAL

Tardes de ouro para harpas dedilhadas  
Por sacras solenidades  
De catedrais em pompa, iluminadas  
Com rituais majestades.

Tardes para quebrantos e surdinas  
E salmos virgens e cantos  
De vozes celestiais, de vozes finas  
De surdinas e quebrantos...

Quando através de altas vidraçarias  
De estilos góticos, graves,  
O sol, no poente, abre tapeçarias,  
Resplandecendo nas naves...

Tardes augustas, bíblicas, serenas,  
Com silencio de ascetérios  
E aromas leves, castos, de açucenas  
Nos claros ares sidéreos...

Tardes de campos repousados, quietos,  
Nos longes emocionantes...

De rebanhos saudosos, de secretos  
Desejos vagos, errantes...

Ó Tardes de Beethoven, de sonatas,  
De um sentimento aéreo e velho...  
Tardes da antiga limpidez das pratas,  
De Epístolas do Evangelho!...

## DANÇA DO VENTRE

Torva, febril, torcicolosamente,  
Numa espiral de elétricos volteios,  
Na cabeça, nos olhos e nos seios  
Fluíam-lhe os venenos da serpente.

Ah! que agonia tenebrosa e ardente!  
Que convulsões, que lúbricos anseios,  
Quanta volúpia e quantos bamboleios,  
Que brusco e horrível sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo  
Como reptil abjecto sobre o lodo,  
Espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme  
De um verme estranho, colossal, enorme,  
Do demônio sangrento da luxúria!

## FOEDERIS ARCA

Visão que a luz dos Astros louros trazes,  
Papoula real tecida de neblinas  
Leves, etéreas, vaporosas, finas,  
Com aromas de lírios e lilazes.

Brancura virgem do cristal das frases,  
Neve serena das regiões alpinas,  
Willis juncal de mãos alabastrinas,  
De fugitivas correções vivazes.

Floresces no meu Verso como o trigo,  
O trigo de ouro dentre o sol floresce  
E és a suprema Religião que eu sigo...

O Missal dos Missais, que resplandece,  
A igreja soberana que eu bendigo  
E onde murmuro a solitária prece!...

## TUBERCULOSA

Alta, a frescura da magnólia fresca,  
Da cor nupcial da flor da laranjeira,  
Doces tons d'ouro de mulher tudesca  
Na veludosa e flava cabeleira.

Raro perfil de mármore exatos,  
Os olhos de astros vivos que flamejam,  
Davam-lhe o aspecto excêntrico dos cactus  
E esse alado das pombas, quando adejam..

Radiava nela a incomparável messe  
Da saúde brotando vigorosa,  
Como o sol que entre névoas resplandece,  
Por entre a fina pele cor-de-rosa.

Era assim luminosa. e delicada  
Tão nobre sempre de beleza e graça  
Que recordava pompas de alvorada,  
Sonoridades de cristais de taça.

Mas, pouco a pouco, a ideal delicadeza.  
Daquele corpo virginal e fino,  
Sacrário da mais límpida beleza,  
Perdeu a graça e o brilho diamantino.

Tísica e branca, esbelta, frígida e alta  
E fraca e magra e transparente e esguia,

Tem agora a feição de ave pernalta,  
De um pássaro alvo de aparência fria.

Mãos líricas e diáfanas, de neve,  
Rosto onde um sonho aéreo e polar flutua,  
Ela apresenta a fluidez, a leve  
Ondulação da vaporosa lua.

Entre as vidraças, como numa estufa-  
No inverno glacial de vento e chuva  
Que sobre as telhas tamborila e rufa,  
Vejo-a, talhada em nitidez de luva...

E faz lembrar uma esquisita planta  
De profundos pomares fabulosos  
Ou a angélica imagem de uma Santa  
Dentre a auréola de nimbos religiosos.

A enfermidade vai-lhe, palmo a palmo,  
Ganhando o corpo, como num terreno...  
E com prelúdios místicos de salmo  
Cai-lhe a vida em crepúsculo sereno.

Jamais há de ela ter a cor saudável  
Para que a carne do seu corpo goze,  
Que o que tinha esse corpo de inefável  
Cristalizou-se na tuberculose.

Foge ao mundo fatal, arbusto débil,  
Monja magoada dos estranhos ritos,  
Ó trêmula harpa soluçante, flébil,

Ó soluçante, flébil eucaliptus...



## FLOR DO MAR

És da origem do mar, vens do secreto,  
Do estranho mar espumaroso e frio  
Que põe rede de sonhos ao navio,  
E o deixa balouçar, na vaga, inquieto.

Possuis do mar o deslumbrante afeto,  
As dormências nervosas e o sombrio  
E torvo aspecto aterrador, bravio  
Das ondas no atro e proceloso aspecto.

Num fundo ideal de púrpuras e rosas  
Surges das águas mucilaginosas  
Como a lua entre a névoa dos espaços...

Trazes na carne o florescer das vinhas,  
Auroras, virgens musicas marinhas,  
Acres aromas de algas e sargaços...

## DILACERAÇÕES

Ó carnes que eu amei sangrentamente,  
Ó volúpias letais e dolorosas,  
Essências de heliotropos e de rosas  
De essência morna, tropical, dolente...

Carnes virgens e tépidas do Oriente  
Do Sonho e das Estrelas fabulosas,  
Carnes acerbadas e maravilhosas,  
Tentadoras do sol intensamente...

Passai, dilaceradas pelos zeros,  
Através dos profundos pesadelos  
Que me apunhalam de mortais horrores...

Passai, passai, desfeitas em tormentos,  
Em lágrimas, em prantos, em lamentos,  
Em ais, em luto, em convulsões, em cores...

## REGENERADA

De mãos postas, à luz de frouxos círios  
Rezas para as Estrelas do Infinito,  
Para os Azuis dos siderais Empíreos  
Das Orações o doloroso rito.

Todos os mais recônditos martírios,  
As angústias mortais, teu lábio aflito  
Soluça, em preces de luar e lírios,  
Num trêmulo de frases inaudito.

Olhos, braços e lábios, mãos e seios,  
Presos, d'estranhos, místicos enleios,  
Já nas Mágoas estão divinizados.

Mas no teu vulto ideal e penitente  
Parece haver todo o calor veemente  
Da febre antiga de gentis Pecados.

## SENTIMENTOS CARNAIS

Sentimentos carnis, esses que agitam  
Todo o teu ser e o tornam convulsivo...  
Sentimentos indômitos que gritam  
Na febre intensa de um desejo altivo.

Ânsias mortais, angústias que palpitam,  
Vãs dilacerações de um sonho esquivo,  
Perdido, errante, pelos céus, que fitam  
Do alto, nas almas, o tormento vivo.

Vãs dilacerações de um Sonho estranho,  
Errante, como ovelhas de um rebanho,  
Na noite de hóstias de astros constelada...

Errante, errante, ao turbilhão dos ventos,  
Sentimentos carnis, vãos sentimentos  
De chama pelos tempos apagada...

## CRISTAIS

Mais claro e fino do que as finas pratas  
O som da tua voz deliciava...  
Na dolência velada das sonatas  
Como um perfume a tudo perfumava.

Era um som feito luz, eram volatas  
Em lânguida espiral que iluminava,  
Brancas sonoridades de cascatas...  
Tanta harmonia melancolizava.

Filtros sutis de melodias, de ondas  
De cantos volutuosos como rondas  
De silfos leves, sensuais, lascivos...

Como que anseios invisíveis, mudos,  
Da brancura das sedas e veludos,  
Das virgindades, dos pudores vivos.

## SINFONIAS DO OCASO

Musselinosas como brumas diurnas  
Descem do acaso as sombras harmoniosas,  
Sombras veladas e musselinosas  
Para as profundas solidões noturnas.

Sacrários virgens, sacrossantas urnas,  
Os céus resplendem de sidéreas rosas,  
Da lua e das Estrelas majestosas  
Iluminando a escuridão das furnas.

Ah! por estes sinfônicos ocasos  
A terra exala aromas de áureos vasos,  
Incensos de turíbulos divinos.

Os plenilúnios mórbidos vaporam...  
E como que no Azul plangem e choram  
Cítaras, harpas, bandolins, violinos...

## REBELADO

Ri tua face um riso acerbo e doente,  
Que fere, ao mesmo tempo que contrista...  
Riso de ateu e riso de budista  
Gelado no Nirvana impenitente.

Flor de sangue, talvez, e flor dolente  
De uma paixão espiritual de artista,  
Flor de Pecado sentimentalista  
Sangrando em riso desdenhosamente.

Da alma sombria de tranqüilo asceta  
Bebeste, entanto, a morbidez secreta  
Que a febre das insânias adormece.

Mas no teu lábio convulsivo e mudo  
Mesmo até riem, com desdêns de tudo,  
As sílabas simbólicas da Prece!

## MUSICA MISTERIOSA...

Tenda de Estrelas níveas, refulgentes,  
Que abris a doce luz de alampadários,  
As harmonias dos Estradivarius  
Erram da Lua nos clarões dormentes...

Pelos raios fluídicos, diluentes  
Dos Astros, pelos trêmulos velários,  
Cantam Sonhos de místicos templários,  
De ermitões e de ascetas reverentes...

Cânticos vagos, infinitos, aéreos  
Fluir parecem dos Azuis etéreos,  
Dentre os nevoeiros do luar fluindo...

E vai, de Estrela a Estrela, a luz da Lua,  
Na láctea claridade que flutua,  
A surdina das lágrimas subindo...



## SERPENTE DE CABELOS

A tua trança negra e desmanchada  
Por sobre o corpo nu, torso inteiriço,  
Claro, radiante de esplendor e viço,  
Ah! lembra a noite de astros apagada.

Luxúria deslumbrante e aveludada  
Através desse mármore maciço  
Da carne, o meu olhar nela espreguiço  
Felinamente, nessa trance ondeada.

E fico absorto, num torpor de coma,  
Na sensação narcótica do aroma,  
Dentre a vertigem túrbida dos zeros.

És a origem do Mal, és a nervosa  
Serpente tentadora e tenebrosa,  
Tenebrosa serpente de cabelos!...

## POST MORTEM

Quando do amor das Formas inefáveis  
No teu sangue apagar-se a imensa chama,  
Quando os brilhos estranhos e variáveis  
Esmorecerem nos troféus da Fama.

Quando as néveas Estrelas invioláveis,  
Doce velário que um luar derrama,  
Nas clareiras azuis ilimitáveis  
Clamarem tudo o que o teu Verso clama.

Já terás para os báratros descido,  
Nos cilícios da Morte revestido,  
Pés e faces e mãos e olhos gelados...

Mas os teus Sonhos e Visões e Poemas  
Pelo alto ficarão de eras supremas  
Nos relevos do Sol eternizados!

## ALDA

Alva, do alvor das límpidas geleiras,  
Desta ressumbra candidez de aromas...  
Parece andar em nichos e redomas  
De Virgens medievais que foram freiras.

Alta, feita no talhe das palmeiras,  
A coma de ouro, com o cetim das comas,  
Branco esplendor de faces e de pomas  
Lembra ter asas e asas condoreiras.

Pássaros, astros, cânticos, incensos  
Formam-lhe aureoles, sóis, nimbos imensos  
Em torno a carne virginal e rara.

Alda fez meditar nas monjas alvas,  
Salvas do Vício e do Pecado salvas,  
Amortalhadas na pureza clara.

## ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,  
Como um palhaço, que desengonçado,  
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado  
De uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,  
Agita os guizos, e convulsionado  
Salta, gavroche, salta clown, varado  
Pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!  
Vamos! retesa os músculos, retesa  
Nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,  
Afogado em teu sangue estuoso e quente  
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

## ANGELUS...

Ah! lilazes de Ângelus harmoniosos,  
Neblinas vesperais, crepusculares,  
Guslas gementes, bandolins saudosos,  
Plangências magoadíssimas dos ares...

Serenidades etereais d'incensos,  
De salmos evangélicos, sagrados,  
Saltérios, harpas dos Azuis imensos,  
Névoas de céus espiritualizados.

Ângelus fluidos, de luar dormente,  
Diafaneidades e melancolias...  
Silêncio vago, bíblico, pungente  
De todas as profundas liturgias.

É nas horas dos Ângelus, nas horas  
Do claro-escuro emocional aéreo,  
Que surges, Flor do Sol, entre as sonoras  
Ondulações e brumas do Mistério.

Surges, talvez, do fundo de umas eras  
De doloroso e turvo labirinto,  
Quando se esgota o vinho das Quimeras  
E os venenos românticos do absinto.

Apareces por sonhos neblinantes  
Com requintes de graça e nervosismos,

Fulgores flavos de festins flamantes,  
Como a Estrela Polar dos Simbolismos.

Num enlevo supremo eu sinto, absorto,  
Os teus maravilhosos e esquisitos  
Tons siderais de um astro rubro e morto,  
Apagado nos brilhos infinitos.

O teu perfil todo o meu ser esmalta  
Numa auréola imortal de formosuras  
E parece que rútilo ressalta  
De góticos missais de iluminuras.

Ressalta com a dolência das Imagens,  
Sem a forma vital, a forma viva,  
Com os segredos da Lua nas paisagens  
E a mesma palidez meditativa.

Nos êxtases dos místicos os braços  
Abro, tentado de carnal beleza...  
E cuido ver, na bruma dos espaços,  
De mãos postas, a orar, Santa Teresa!...

## LEMBRANÇAS APAGADAS

Outros, mais do que o meu, finos olfatos,  
Sintam aquele aroma estranho e belo  
Que tu, ó Lírio lânguido, singelo,  
Guardaste nos teus íntimos recatos.

Que outros se lembrem dos sutis e exatos  
Traços, que hoje não lembro e não revelo  
E se recordem, com profundo anelo,  
Da tua voz de siderais contatos...

Mas eu, para lembrar mortos encantos,  
Rosas murchas de graças e quebrantos,  
Linhas, perfil e tanta dor saudosa,

Tanto martírio, tanta mágoa e pena,  
Precisaria de uma luz serene,  
De uma luz imortal maravilhosa!...

## SUPREMO DESEJO

Eternas, imortais origens vivas  
Da Luz, do Aroma, segredantes vozes  
Do mar e luars de contemplativas,  
Vagas visões volúpicas, velozes...

Aladas alegrias sugestivas  
De asa radiante e branca de albornozes,  
Tribos gloriosas, fulgidas, altivas,  
De condores e de águias e albatrozes...

Espiritualizai nos Astros louros,  
Do sol entre os clarões imorredouros  
Toda esta dor que na minh'alma clama...

Quero vê-la subir, ficar cantando  
Na chama das Estrelas, dardejando  
Nas luminosas sensações da chama.



# SONATA

## I

Do imenso Mar maravilhoso, amargos,  
Marulhosos murmurem compungentes  
Cânticos virgens de emoções latentes,  
Do sol nos mornos, mórbidos letargos...

## II

Canções, leves canções de gondoleiros,  
Canções do Amor, nostálgicas baladas,  
Cantai com o Mar, com as ondas esverdeadas,  
De lânguidos e trêmulos nevoeiros!

## III

Tritões marinhos, belos deuses rudes,  
Divindades dos tártaros abismos,  
Vibrai, com os verdes e acres eletrismos  
Das vagas, flautas e harpas e alaúdes!

## IV

O Mar supremo, de fragrância crua,  
De pomposas e de ásperas realezas,  
Cantai, cantai os tédios e as tristezas  
Que erram nas frias solidões da Lua...



## MAJESTADE CAÍDA

Esse cornóide deus funambulesco  
Em torno ao qual as Potestades rugem,  
Lembra os trovões, que tétricos estrugem,  
No riso alvar de truão carnavalesco.

De ironias o momo picaresco  
Abre-lhe a boca e uns dentes de ferrugem,  
Verdes gengivas de ácida salsugem  
Mostra e parece um Sátiro dantesco.

Mas ninguém nota as cóleras horríveis,  
Os chascos, os sarcasmos impassíveis  
Dessa estranha e tremenda Majestade.

Do torvo deus hediondo, atroz, nefando,  
Senil, que embora, rindo, está chorando  
Os Noivados em flor da Mocidade!

# INCENSOS

Dentre o chorar dos trêmulos violinos,  
Por entre os sons dos órgãos soluçantes  
Sobem nas catedrais os neblinantes  
Incensos vagos, que recordam hinos...

Rolos d'incensos alvadios, finos  
E transparentes, fulgidos, radiantes,  
Que elevam-se aos espaços, ondulantes,  
Em Quimeras e Sonhos diamantinos.

Relembrando turíbulos de prata  
Incensos aromáticos desata  
Teu corpo ebúrneo, de sedosos flancos.

Claros incensos imortais que exalam,  
Que lânguidas e límpidas trescalam  
As luas virgens dos teus seios brancos.

## **LUZ DOLOROSA...**

Fulgem da Luz os Viáticos serenos,  
Branças Extrema-Unções dos hostiários:  
As Estrelas dos lípidos Sacrários  
A nívea Lua sobre a paz dos fenos.

Há prelúdios e cânticos e trenos  
Tristes, nos ares ermos, solitários...  
E nos brilhos da Luz, vagos e vários,  
Há dor, há luto, há convulsões, venenos...

Estranhas sensações maravilhosas  
Percorrem pelos cálices das rosas,  
Sensações sepulcrais de larvas frias...

Como que ocultas áspides flexíveis  
Mordem da Luz os germens invisíveis  
Com o tóxico das cóleras sombrias...

## TORTURA ETERNA

Impotência cruel, ó vã tortura!  
Ó Força inútil, ansiedade humana!  
Ó círculos dantescos da loucura!  
Ó luta, Ó luta secular, insana!

Que tu não possas, Alma soberana,  
Perpetuamente refulgir na Altura,  
Na Aleluia da Luz, na clara Hosana  
Do Sol, cantar, imortalmente pura.

Que tu não posses, Sentimento ardente,  
Viver, vibrar nos brilhos do ar fremente,  
Por entre as chamas, os clarões supernos.

Ó Sons intraduzíveis, Formas, Cores!...  
Ah! que eu não possa eternizar as cores  
Nos bronzes e nos mármore eternos!